

Audiência Pública – Comissão de Educação da Câmara dos Deputados

Tema: Instituição do mês nacional das Pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação - “Agosto Violeta”

Orador: Dr. Henry Poncio Cruz - Docente e Pesquisador na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Informação e identificação de pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação

Excelentíssimo Senhor Presidente da Comissão de Educação, excelentíssimo Deputado Ismael, presidente desta audiência pública e proponente do Requerimento nº 77/2025, senhoras deputadas e senhores deputados, colegas expositores, profissionais da educação, da saúde, da informação e todas as pessoas presentes.

Agradeço profundamente o convite e, sobretudo, parabeno esta Comissão e o Deputado Ismael pela sensibilidade e compromisso com a diversidade humana e a justiça educacional, ao proporem o debate sobre a institucionalização do “Agosto Violeta”, mês nacional das Pessoas com as Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD).

Essa iniciativa é não apenas oportuna — é urgente. É um passo fundamental para:

- Romper práticas históricas de silenciamento;
- Modificar práticas de negligência das instituições de saúde e educação;
- Potencializar o acesso à informação sobre o fenômeno científico e humano da superdotação;
- Reduzir o desconhecimento e os mitos, na sociedade, que ainda impactam às pessoas AHSD e suas famílias.

Falo como professor e pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, do campo da Ciência da Informação, com atuação nas temáticas de Informação, Tecnologias e Saúde.

Eu sou Físico de formação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tenho mestrado em Ciência da Informação, também pela UFPB e Doutorado em Ciência da Informação pela UNESP - Campus de Marília.

Além do percurso acadêmico, também trago aqui um pouco da minha história pessoal: fui formalmente identificado como AHSD aos 45,5 anos de idade.

Esse dado não é apenas biográfico. Ele é sintomático. Sintomático de um sistema educacional e de saúde que tem certa dificuldade de reconhecer as neurodivergências, especialmente as Altas Habilidades ou Superdotação e as condições de Dupla Excepcionalidade.

Apesar do meu visível funcionamento intelectual, nenhum professor(a) e nenhum dos profissionais de saúde que me atenderam ao longo de 45 anos da minha vida, cogitaram a hipótese de eu ser uma pessoa que vive as Altas Habilidades ou Superdotação. Até o dia que minha melhor amiga, que passou a estudar as AHSD, elaborou esta hipótese e me deu de presente.

A minha história é mais uma entre tantas outras, de pessoas que só foram identificadas na vida adulta e travaram uma luta para compreenderem a si mesmas, para acomodar sentimentos históricos de diferença, de inadequação e de assincronias internas e externas, para compatibilizar os, quase inconciliáveis, interesses distintos dos pares da mesma faixa de idade.

A identificação da Superdotação ou da Dupla Excepcionalidade, que ocorre quando uma pessoa tem, além da superdotação, alguma outra condição como TEA, TDAH, Dislexia, Discalculia... tem o potencial impactar significativamente na vida da pessoa AHSD. Na infância a identificação tem uma potência de orientação para o futuro, abre possibilidades para redução do sofrimento psicológico derivado das assincronias e atendimento educacional adequado. Na vida adulta, a identificação tem uma potência de acomodação do passado, de explicação das idiossincrasias da criança e do adolescente que se tornou um adulto cheio de marcas da sua intensidade. Também abre uma possibilidade de futuro, de melhor convívio consigo mesmo, na medida que reduz os comportamentos de camuflagem.

Com a identificação, uma vida inteira pode ser relida e ressignificada, quase em curva exponencial. Na medida que se acomodam as vivências do passado, se constrói uma autoconsciência que implica em futuro com melhor qualidade de vida.

Mas é preciso informar e identificar, é preciso modificar a cultura escolar, acadêmica e de saúde que não tem identificado milhares de pessoas AHSD. Sem nomear o que somos, fica difícil apoiar, acolher as dores e as especificidades do funcionamento.

A ciência contemporânea avançou em relação a uma visão simplificada baseada apenas em quocientes de inteligência (QI), embora continue sendo um indicador relevante em avaliações sobre a superdotação. Modelos mais abrangentes e multidimensionais tem sido usados nos processos de avaliação.

Hoje, a literatura científica permite visualizar as Altas Habilidades ou Superdotação, e a Dupla Excepcionalidade, como uma condição da neurodiversidade, marcada por um conjunto complexo características perceptíveis, de um modo geral, por toda a vida da pessoa AHSD.

Os estudos de Joseph Renzulli, que foram incorporados na própria política educacional nacional brasileira, representam um avanço no sentido de reconhecer as habilidades acima da média, a criatividade, o envolvimento intenso com as atividades de interesse, em diferentes proporções em cada pessoa e no contexto do ambiente.

De um modo geral, percebe-se intensidades acima da média, que se manifestam, não cumulativamente:

- No raciocínio lógico e verbal;
- Na criatividade;
- Na capacidade artística;
- Na liderança;
- Na motricidade;
- Na sensibilidade estética;
- Em um alto senso ético e de justiça;
- Em um profundo senso existencial;
- dentre outros indicadores.

Trata-se de intensidades que, de um modo geral, são comunicadas pelo corpo da pessoa AHSD, mas nem sempre identificadas como características AHSD.

A prevalência estimada globalmente, a depender do referencial científico e dos critérios de identificação daquela corrente teórica, variam de 3% até 20% da população. Fazendo uma estatística rápida para o Brasil, teríamos entre 6,39 e 42,52

milhões de pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação, considerando todas as faixas de idade.

Mas vamos fazer um exercício mais pontual. De acordo com o Censo Escolar de 2023, no Brasil foram identificadas 38.019 matrículas de pessoas AHSD na educação especial, considerando o total de 47.304.632 matriculados na Educação Básica, a estatística percentual AHSD é de 0,08% dos estudantes. Mesmo que os dados apresentados sejam setoriais, as matrículas na rede de educação básica, são sugestivos de uma discrepância brutal se considerados os percentuais de prevalência da literatura científica, o que pode ser explicado pela subidentificação e subnotificação.

Esse dado expressa o tamanho da invisibilidade e do desafio que temos à frente, além da importância de uma iniciativa como o Agosto Violeta.

Se tomarmos as contribuições do psicólogo e médico polonês Kazimierz Dąbrowski, especialmente na Teoria da Desintegração Positiva, avançamos na compreensão da complexidade emocional, psíquica e educacional das pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação. Dąbrowski teorizou sobre a sobre-excitabilidade intelectual, emocional, sensorial, psicomotora e imaginativa, identificando que este fenômeno com 5 áreas, a depender da expressão individual da pessoa avaliada, que se manifesta com maior intensidade em pessoas superdotados. Essas características não são meros "excessos", mas expressões profundas de um cérebro estruturado para ser mais sensível, mais reflexivo e mais intensamente conectado com o mundo e consigo mesmo.

Trata-se, portanto, de uma forma distinta de funcionar, de uma forma diferente de existir no mundo, o que exige atenção especializada, escuta qualificada e ambientes acolhedores para se florescer como pessoa AHSD. A sobre-excitabilidade têm potência explicativa tanto para os talentos quanto para os sofrimentos frequentemente vivenciados por pessoas AHSD.

Reconhecer estas dinâmicas é dar um passo fundamental para humanizar o olhar sobre as pessoas AHSD — como pessoas complexas, criativas, intensas e, sobretudo, que demandam identificação, cuidado e suporte. Defendo aqui que parte da resolução do que problematizo nesta exposição, pode ser concretizada pela disseminação de informação sobre as AHSD.

Ainda no campo dialógico da informação, da falta de informação e da desinformação, identificamos estereótipos perigosos.

Os estereótipos que envolvem as pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD) são não apenas imprecisos, mas também limitantes, prejudiciais e capacitistas. Trago três exemplos com os quais as pessoas superdotadas se deparam.

- Um dos mais comuns é a crença de que todos os superdotados são gênios prodígios ou “alunos nota 10”. Embora os desempenhos intelectuais estejam presentes, trata-se de uma visão reducionista que desconsidera a diversidade de perfis e a relação intensa e profunda que essas pessoas estabelecem com suas áreas de interesse, muitas vezes fora do escopo tradicional da escola. A superdotação não se restringe ao desempenho acadêmico — ela envolve motivações internas, criatividade, sensibilidade, persistência e originalidade.

- Outro equívoco é imaginar que pessoas AHSD não precisam de apoio, de adaptações ou de acompanhamento especializado. Esse mito cria um vácuo de políticas públicas e de práticas pedagógicas, negligenciando demandas específicas relacionadas à velocidade de processamento, à intensidade emocional e à hipersensibilidade sensorial, frequentemente presentes nessas pessoas. Tal equívoco implica ainda em negar direitos já previstos na Lei 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

- Além disso, o estigma de que pessoas superdotadas são arrogantes, socialmente isoladas ou elitistas afasta ainda mais a possibilidade de autoidentificação. Afinal, quem desejaria se reconhecer em um rótulo socialmente rejeitado ou mal compreendido?

Combater esses estereótipos com informação é essencial para garantir acolhimento, equidade e pertencimento às pessoas AHSD, em todas as fases da vida.

Destaco ainda as pessoas AHSD adultas e idosas, muitas das quais convivem com altos níveis de frustração, angústia, ansiedade e sentimento crônico de inadequação, consequência, por vezes, da não identificação.

A questão é ainda mais grave quando falamos de vulnerabilidade social. Pessoas negras, indígenas, quilombolas, periféricas, com deficiência, ou que vivem em contextos de violência e pobreza, são sistematicamente ignoradas pelas redes de identificação. Sim, as altas habilidades ou superdotação são um fenômeno que atinge grupos sociais e pessoas no sentido mais pleno da palavra diversidade.

Reforço que pessoas e grupos supracitados não são menos potentes. Mas são menos vistos, ouvidos e reconhecidos.

Apesar de esforços do poder público para estruturar centros de identificação e atendimento às pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação, ainda enfrentamos graves desigualdades no acesso ao diagnóstico especializado. Os processos de identificação — como as avaliações pedagógicas, psicológicas, neuropsicológicas e psicoeducacionais — permanecem majoritariamente concentradas em instituições privadas, com custos elevados e inacessíveis à ampla maioria da população, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Reforço: sem acesso à avaliação, é difícil identificar, sem identificar não temos dados precisos e não é possível pensar em políticas de informação, políticas educacionais e políticas públicas para pessoas AHSD.

A identificação e o acompanhamento adequados são decisivos para o desenvolvimento saudável de pessoas AHSD.

A literatura científica demonstra que, quando corretamente identificadas, essas pessoas:

- Desenvolvem maior autoestima e autoconceito
- Apresentam menor risco de evasão escolar
- Constroem melhor regulação emocional
- Sentem-se pertencentes e reconhecidas
- Potencializam suas contribuições sociais, científicas, culturais, artísticas e éticas

Não se trata de garantir equidade para todas as pessoas, oferecendo a cada um o que necessita, incluindo quem pensa, sente e aprende de forma diferente da maioria.

A criação do Agosto Violeta será mais do que um símbolo: será um marco civilizatório. Um gesto político e social de reconhecimento da diversidade das estruturas neurológicas, psicológicas e sociais e da necessidade de ampliar direitos, cuidados e oportunidades, sobretudo por meio do acesso à informação sobre o fenômeno das Altas Habilidades ou Superdotação.

Como professor, como pesquisador e como pessoa identificada tardiamente, eu reafirmo: o Agosto Violeta é uma urgência democrática, educativa, ética e

humana. Ser identificado como pessoa AHSD modificou meu olhar sobre mim mesmo, sobre meus alunos/as e sobre o mundo ao meu redor.

Como professor e pesquisador, hoje realizo momentos de escuta com alunos(as) e orientandos(as) identificados ou diagnosticados com alguma neurodivergência, e potencializo aqueles, que tem uma neurodivergência como hipótese, a procurar investigação adequada.

O Agosto Violeta traduz uma hora de luta por acesso à identificação.

O Agosto Violeta potencializa reconhecer crianças, adultos e idosos AHSD invisibilizados, para lhes oferecer pertencimento, dignidade e futuro.

Muito obrigado pela oportunidade de dialogar com esta casa.

Dr. Henry Poncio Cruz
Docente/pesquisador da Universidade Federal da Paraíba